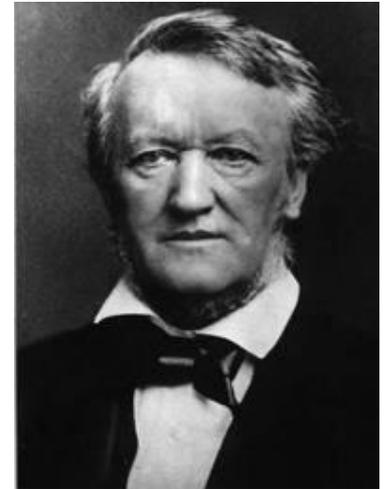


Friedrich Nietzsche (1844-1900)

Biografia e obra:

- 1865: estudos sobre filologia clássica em Leipzig e leituras de clássicos da Antiguidade, Platão e Schopenhauer.
 - Filologia: ciência que estuda a língua, a literatura, a cultura, a civilização.
- 1868: assume a cátedra de Filologia Clássica na Universidade da Basileia e conhece Richard Wagner.



- 1870: realiza palestras sobre “O drama musical grego” e “Sócrates e a tragédia”.
 - Tragédia: literatura grega ligada à tradição religiosa da Grécia Antiga. As raízes remontam ao deus grego Dionísio.
- 1871: escreve *O Nascimento da Tragédia*.
- 1872: publicação de *O Nascimento de Tragédia*.
 - Críticas ao livro no meio acadêmico.

- **Perspectiva de Nietzsche:**

- Crítica do conhecimento científico e filosófico;
- *O Nascimento da Tragédia*: Sócrates e Platão são apontados como precursores da “idade da razão” (MACHADO, 1999, p. 8);
- Arte: alternativa para o conhecimento racional;
- Predomínio do “espírito científico” (racionalidade socrático-platônica): decadência da arte trágica na Grécia.
- Subordinação da arte a critérios racionais com a filosofia socrático-platônica.



Arte trágica na Grécia antiga:

- A arte apolínea: epopeia poética de Homero; forma de aliviar a dor da existência e intensificação da vida;
- Arte apolínea: beleza, harmonia e elogio da aparência.



Arte trágica na Grécia antiga:

- Dioniso: deus estrangeiro da embriaguez e desmedida;
- Arte grega: conciliação entre Apolo e Dioniso (apolíneo e dionisiaco); união entre aparência e essência.



Arte trágica na Grécia antiga:

- Tragédia: “possibilita uma experiência trágica da essência do mundo” (MACHADO, 1999, p. 25);
- Aceitação do sofrimento como parte da vida;
- Metafísica de artista: afirmação da existência.

- **Desaparecimento da tragédia:**
 - Saber racional: critério de avaliação da arte;
 - Desvalorização da arte trágica;
 - Socratismo estético: baseado na razão;
 - Espírito científico (razão socrática): crença na possibilidade de alcançar a **verdade** sobre a natureza.

O espírito científico se baseia na “[...] crença inabalável de que o pensamento, seguindo o fio da causalidade, pode atingir os abismos mais longínquos do ser e que ele não apenas é capaz de conhecer o ser, mas ainda de *corrigi-lo*” (NIETZSCHE *N.T.* citado por MACHADO, 1999, p. 31).

- Escritos de 1873 a 1875: “*Verdade e Mentira no sentido extramoral*”; “*O livro do filósofo*”.
 - Crítica ao instinto de conhecimento ou instinto de verdade;
 - O conhecimento não é “parte da natureza humana”, mas uma invenção do ser humano (MACHADO, 1999, p. 35).
 - Crítica da racionalidade: a crença no conhecimento como possibilidade de alcance de uma **verdade universal**.

“Em algum ponto do universo inundado por cintilações de inúmeros sistemas solares houve um dia um planeta em que animais inteligentes inventaram o conhecimento. Foi o minuto mais orgulhoso e mais mentiroso da ‘história universal’, mas foi apenas um minuto. Depois de alguns suspiros da natureza o planeta se congelou e os animais inteligentes tiveram de morrer” (NIETZSCHE citado por MACHADO, 1999, p. 36).

- “[...] não há posse da verdade, mas apenas convicção, suposição de possuir a verdade” (MACHADO, 1999, p. 36).
- “Análise da *crença na verdade*: pois toda posse da verdade é, no fundo, apenas uma convicção de possuir a verdade” (NIETZSCHE citado por MACHADO, 1999, p. 36).
- Conhecimento: associado a condições sociais, políticas e morais.

“Não se trata de um aniquilamento da ciência, mas de seu domínio. Em todos os seus fins e todos os seus métodos, ela depende, na verdade, inteiramente de pontos de vista filosóficos, mas o esquece facilmente” (NIETZSCHE citado por MACHADO, 1999, p. 36).

- Questão: qual é o valor do conhecimento e que valores morais direcionam a ciência?

- Escritos de 1878 a 1882: *Humano, demasiado Humano* (rompimento com Wagner e Schopenhauer); publicação de “Opiniões e sentenças variadas” e abandono da Universidade por problemas de saúde em 1879; “O Andarilho e sua Sombra” (1880); *Aurora* (1881); *A Gaia Ciência* (1882).

- Reflexão sobre a linguagem em *Humano, demasiado Humano*:

“A significação da linguagem para o desenvolvimento da civilização está em que, nela, o homem colocou um mundo próprio ao lado do outro, um lugar que ele considerou bastante firme para, apoiado nele, deslocar o restante do mundo de seus gonzos e tornar-se senhor dele. Na medida em que o homem acreditou, por longos lances de tempo, nos conceitos e nomes das coisas como em verdades eternas, adquiriu aquele orgulho com que se elevou acima do animal: pensava ter efetivamente, na linguagem, o conhecimento do mundo” (NIETZSCHE, 1998, §11).

“O formador da linguagem não era tão modesto de acreditar que dava às coisas, justamente, apenas designações; mas antes, ao que supunha, exprimia com as palavras o supremo saber sobre as coisas; de fato, a linguagem é o primeiro grau do esforço em direção à ciência”
(NIETZSCHE, 1998, *HDH*, §11).

- 1883: começa a escrever *Assim falou Zaratustra*.
- 1886: publica com recursos próprios o livro *Além do bem e do mal*.
- 1887: publicação da *Genealogia da moral*.
 - Leituras de Dostoievski.
- 1888: repercussão da obra de Nietzsche.
 - *Assim falava Zaratustra* é traduzido para o francês.
 - Escreve *O crepúsculo dos ídolos*, *O Anticristo* e *Ecce Homo*.

- Projeto nietzscheano: “a questão, não da verdade ou falsidade de um conhecimento, mas do valor que se atribui à verdade, ou da verdade como valor superior”, ou “a negação da prevalência da verdade sobre a falsidade” (MACHADO, 1999, p. 51).
- Em Nietzsche há uma articulação entre o conhecimento e a moral.
- Vida: concebida como critério de avaliação e julgamento do conhecimento.

- **Genealogia** dos valores morais: análise histórica da formação dos valores no Ocidente.
- Moral judaico-cristã: forma de negação da vida.
- Vida: concebida como critério de avaliação e julgamento do conhecimento e da moral.
- Niilismo: ideal ascético e negação da vida.
- Má consciência: interiorização e repressão do “*instinto de liberdade*” (vontade de potência) (NIETZSCHE, *G.M.*, II, §17).

O niilismo e a negação da vida

- “Inventar fábulas sobre um ‘outro’ mundo diferente deste não tem sentido a não ser que domine em nós um instinto de calúnia, de depreciação, de receio: neste caso nos *vingamos* da vida com a fantasmagoria de ‘outra’ vida distinta desta e melhor do que esta” (NIETZSCHE, *C.I.*, “A razão na filosofia”, §6; *Frag. Post.*, primavera de 1888, 14[168]).
- Niilismo: forma de negação e desvalorização da vida.

Análise da ciência

- Crítica ao universalismo e defesa do perspectivismo do conhecimento.
- “[...] heterogeneidade entre conhecimento e mundo” (MACHADO, 1999, p. 75).
- Ciência e moral: se relacionam com a metafísica ao estabelecerem o universalismo como valor superior.
- O ideal ascético: encontra-se na ciência, na filosofia e na moral.

- 1889: tem um surto psicótico e começa a escrever bilhetes estranhos, assinando como “Dionisio” e “O Crucificado”.
 - Relato de Peter Gast: “Enxerguei Nietzsche em um canto do sofá... com aparência bastante arruinada; correu até mim e me abraçou fortemente ao me reconhecer, e rompeu em lágrimas, então afundou no sofá em convulsões, e o choque também não me permitiu permanecer em pé”.
- 1900: morre em 25 de agosto.

Referências:

CARVALHO, Guilherme Paiva. Nietzsche e a metafísica. In: *Fragmentos de Cultura*, Vol. 13, p. 69-84, 2002.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.